

COMPORTAMENTO FINANCEIRO PESSOAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO À LUZ DO MODELO DE GILLIGAN

Suzete Antonieta Lizote

lizote@univali.br
UNIVALI

Danielle Pinheiro de Freitas Belmiro

daniellepf1978@gmail.com
UNIVALI

Júlia Oliveira Ramalho da Silva

juliaoliveiraramalho@gmail.com
UNIVALI

Resumo: O comportamento financeiro pessoal refere-se às atitudes, decisões e práticas que os indivíduos adotam na gestão de seus recursos, influenciado por fatores psicológicos, sociais e econômicos. Compreender esse comportamento é essencial, especialmente entre universitários, que estão em fase de construção da autonomia financeira. Este estudo teve como objetivo identificar o comportamento financeiro pessoal dos estudantes de Ciências Contábeis de uma universidade comunitária de Santa Catarina, à luz do modelo de Gilligan (2012). Em relação a metodologia, se classificou como uma pesquisa, descritiva, quantitativa e do tipo levantamento. O questionário aplicado teve como base o estudo de Gilligan (2012) o qual esteve dividido em autoeficácia percebida, consideração das consequências futuras e estresse financeiro. A população foi composta por 262 alunos, resultando em uma amostra de 188 respondentes. Os dados foram analisados com estatísticas descritivas, com base nas médias das respostas para cada item e dimensão investigada. Os resultados evidenciaram que os alunos apresentam maior média em autoeficácia percebida, seguida por consideração de consequências futuras, e, por último, estresse financeiro. Os estudantes apresentaram um comportamento financeiro pessoal mediano nas três dimensões. Teoricamente, este estudo contribui para aprofundar a compreensão do comportamento financeiro pessoal no contexto universitário. Em termos práticos, os achados reforçam a necessidade de ações educativas contínuas em finanças pessoais no ensino superior, contribuindo para o desenvolvimento de competências que promovam decisões financeiras mais conscientes entre universitários.

Palavras Chave: Finanças Pessoais - Comportamento Financ - Educação Financeira

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento financeiro envolve temas como a gestão de recursos, incluindo receitas, despesas, sendo possível de ser adquirido ao longo da formação do indivíduo, como no ensino fundamental, médio e superior (Urban et al., 2020). Desta forma, a educação financeira, definida como o processo pelo qual os indivíduos desenvolvem habilidades e atitudes para tomar decisões conscientes sobre sua vida econômica (OECD, 2023), tem sido apontada como um fator essencial para o conhecimento e bem-estar financeiro.

Os estudos sobre educação financeira vêm ganhando destaque no cenário acadêmico internacional, com marcos importantes ao longo das décadas. A educação financeira é compreendida como uma competência essencial para o enfrentamento das demandas econômicas cotidianas e para a tomada de decisões conscientes, especialmente em contextos de alta volatilidade e incerteza (Lusardi & Mitchell, 2023). Na literatura, há um consenso de que ela envolve não apenas o conhecimento sobre conceitos financeiros, mas também a capacidade de os aplicar de forma prática, crítica e responsável (Remund, 2010; OECD, 2023). Nesse sentido, autores como Potrich, Vieira e Kirch (2015) já destacavam a necessidade de integrar cognição e comportamento nas análises sobre educação financeira, perspectiva que tem sido reforçada por pesquisas recentes no Brasil, como as de Teixeira, Lopes e Meurer (2021) que apontam para a importância da autoeficácia no processo de tomada de decisão financeira.

A crescente complexidade do cenário econômico, aliada à facilidade de acesso ao crédito e ao consumo, tem ampliado os desafios relacionados à gestão das finanças pessoais, especialmente entre os jovens adultos em fase universitária. Este estudo teve como lócus uma universidade comunitária do estado de Santa Catarina, sendo investigados discentes do curso de graduação em Ciências Contábeis.

A falta de educação financeira desde os primeiros anos de formação pode acarretar implicações significativas ao longo da vida adulta, impactando diretamente a capacidade de tomada de decisões conscientes e sustentáveis em relação ao uso de recursos financeiros. Gilligan (2012) argumenta que a ausência de orientação adequada sobre finanças pessoais pode comprometer o bem-estar financeiro futuro, especialmente quando os indivíduos se deparam com responsabilidades econômicas crescentes, como o ingresso no mercado de trabalho, o planejamento de carreira e a construção de patrimônio. Segundo Lusardi e Mitchell (2014), mesmo entre indivíduos com elevado nível educacional, como universitários, há uma preocupante lacuna no domínio de conceitos financeiros básicos, o que os torna vulneráveis a decisões equivocadas, endividamento excessivo e baixa capacidade de poupança.

No cenário nacional, estudos também evidenciam essa fragilidade. Souza et al., (2019); Santos e Altoé (2023) destacam que estudantes universitários brasileiros, mesmo os matriculados em cursos como Administração, Economia ou Ciências Contábeis, que teoricamente teriam maior contato com conteúdo financeiro, frequentemente demonstram dificuldades em gerir suas finanças pessoais. Essa situação revela que o nível de escolaridade, por si só, não garante a aquisição de competências financeiras práticas, como o controle de orçamento, a gestão de crédito e o planejamento de longo prazo. Potrich, Vieira e Kirch (2015) argumentam que a educação financeira deve ser compreendida como um processo contínuo e contextualizado, que precisa ser desenvolvido desde a infância até a vida adulta, e não apenas como um conteúdo técnico a ser transmitido em etapas avançadas da formação acadêmica.

Dentre os modelos que orientam a compreensão das finanças pessoais, destaca-se o modelo proposto por Gilligan (2012), que destaca como a ausência de orientação financeira adequada pode comprometer a tomada de decisões sustentáveis ao longo da vida adulta. A lacuna entre conhecimento teórico e aplicação prática também é discutida por Remund (2010).

e Potrich, Vieira e Kirch (2015), que sugerem a importância de integrar aspectos cognitivos e comportamentais no estudo da educação financeira. No contexto brasileiro, a situação é agravada pela baixa inserção da educação financeira nos currículos escolares e pela pouca ênfase no desenvolvimento de competências financeiras no ambiente familiar (Silva et al., 2017; Somavilla, Andretti & Bassoi, 2019).

Diante do cenário exposto, este estudo teve como objetivo identificar o comportamento financeiro pessoal dos estudantes do curso de Ciências Contábeis de uma universidade comunitária de Santa Catarina, à luz do modelo de Gilligan (2012).

Teoricamente, investigar como esses estudantes lidam com suas finanças pessoais, à luz do modelo de Gilligan (2012), contribui para compreender as lacunas existentes entre conhecimento e prática, além de evidenciar a necessidade de uma abordagem mais ampla e contínua da educação financeira.

Este estudo poderá contribuir de forma prática ao evidenciar a necessidade de incluir, de maneira mais efetiva, a educação financeira no cotidiano dos estudantes universitários, mesmo em cursos da área contábil. Os resultados poderão auxiliar as instituições de ensino superior no desenvolvimento de estratégias e ações educativas que promovam o uso consciente do dinheiro, fortalecendo habilidades como planejamento, controle e tomada de decisão financeira desde a graduação. Além disso, os resultados da pesquisa poderão sugerir o desenvolvimento de programas de extensão, oficinas e materiais educativos adaptados à realidade dos estudantes, contribuindo não apenas para o desempenho acadêmico, mas também para a autonomia econômica dos futuros profissionais da área contábil.

O artigo está estruturado em 5 seções, iniciando com esta introdução; a seção 2 apresenta a síntese da discussão teórica sobre educação financeiro pessoal, a abordagem metodológica é apresentada na seção seguinte; as análises e discussão dos resultados estão evidenciadas na seção 4. Por último, são feitas as considerações finais da pesquisa e é disponibilizado o referencial bibliográfico

2 REFERENCIAL TEÓRICO

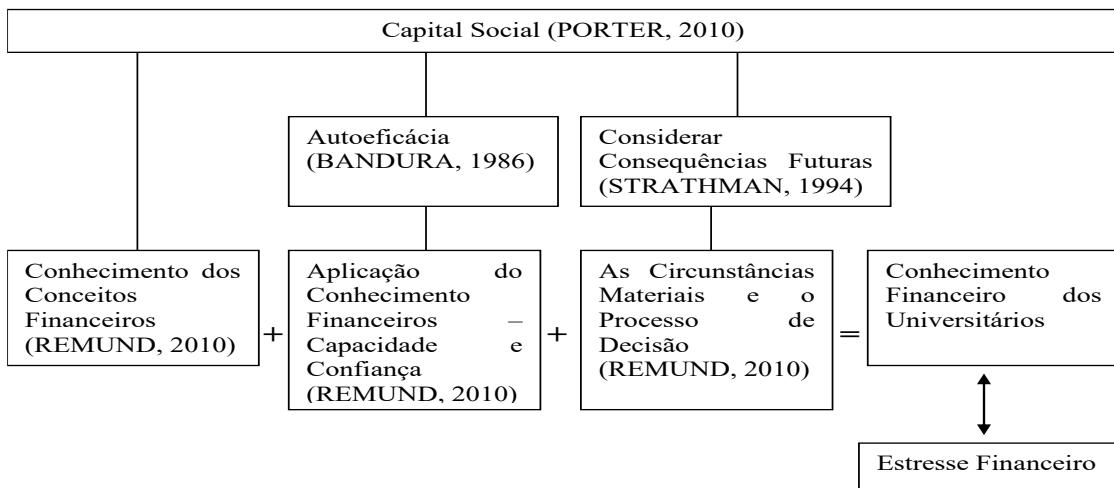
Na sequência, será fundamentado o tema da educação financeira com ênfase no modelo de Gilligan (2012), que considera autoeficácia, consequências futuras e estresse financeiro. Em seguida, serão apresentados estudos e iniciativas voltadas às finanças pessoais.

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA PESSOAL

A educação financeira pessoal é um campo multidisciplinar que busca desenvolver nos indivíduos a capacidade de tomar decisões conscientes e informadas sobre a gestão dos próprios recursos financeiros. Essa competência é considerada essencial para o bem-estar individual e coletivo, especialmente em um cenário de crescente complexidade econômica e acesso facilitado ao crédito (Lusardi & Mitchell, 2014). De acordo com Potrich, Vieira e Kirch (2015), a alfabetização financeira envolve conhecimentos, habilidades e atitudes que permitem ao indivíduo tomar decisões acertadas no cotidiano financeiro, com impacto direto na sua qualidade de vida.

Entre os modelos teóricos que buscam compreender o comportamento financeiro individual, destaca-se a contribuição de Gilligan (2012), que propõe uma abordagem centrada em quatro dimensões: capital social, autoeficácia percebida, consideração das consequências futuras e estresse financeiro, conforme se exibe na Figura 1.

Figura 1: Modelo de Gilligan (2012)



Fonte: Adaptado de Gilligan (2012).

Esse modelo foi utilizado neste estudo, porque busca ir além dos conhecimentos técnicos, incorporando variáveis comportamentais e emocionais que influenciam a tomada de decisão financeira.

O conceito de capital social tem sido amplamente utilizado para explicar as desigualdades de acesso a recursos econômicos, educacionais e informacionais. Bourdieu (1980) concebe o capital social como o conjunto de recursos acessíveis por meio de uma rede de relações duráveis, assentadas em reconhecimento e pertencimento mútuo. Já Coleman (1988) amplia esse entendimento ao ressaltar o papel do controle social exercido pelas instituições e redes comunitárias, apontando que normas, valores e sanções compartilhadas também operam como formas de capital social. Portes (2010), por sua vez, define o capital social como a capacidade de obter benefícios por meio da participação em redes sociais amplas, reconhecendo que as interações sociais influenciam não apenas o desenvolvimento da sociedade, mas também os resultados individuais. Potrich, Vieira e Kirch (2015) evidenciam que fatores como grau de instrução dos pais, renda familiar e estado civil estão diretamente associados à capacidade dos estudantes universitários de planejar e gerir suas finanças.

A concepção de autoeficácia emerge da Teoria Social Cognitiva (TSC), formulada por Bandura em seus estudos clássicos de 1977 e 1986. A autoeficácia percebida refere-se à crença do indivíduo em sua capacidade de organizar e executar ações necessárias para alcançar determinados objetivos financeiros (Bandura, 1997). Gilligan (2012) argumenta que indivíduos com alta autoeficácia tendem a ser mais confiantes em suas habilidades de planejamento, controle de gastos e tomada de decisões financeiras, o que favorece comportamentos de poupança e investimento mais consistentes. Trata-se, portanto, de uma percepção subjetiva que transcende a simples posse de habilidades, concentrando-se na crença do indivíduo quanto à sua aptidão para mobilizar recursos cognitivos, emocionais e comportamentais diante de demandas específicas (Bandura, 1986). Bandura ainda salienta que essa crença é essencial na regulação da motivação, da perseverança frente a obstáculos e da forma como as ameaças e desafios são percebidos e enfrentados.

A consideração das consequências futuras (CCF), por sua vez, está relacionada ao nível de orientação temporal do indivíduo. Pessoas com alta CCF tendem a ponderar as implicações de longo prazo das suas decisões financeiras presentes, priorizando ações sustentáveis e planejadas (Strathman et al., 1994). Gilligan (2012) defende que essa

perspectiva ajuda a explicar por que muitos jovens, mesmo cientes das consequências do endividamento, ainda priorizam recompensas imediatas.

O estresse financeiro, abordado no referido modelo, é definido como a percepção de tensão ou angústia relacionada à situação econômica pessoal. Para Gilligan (2012), o estresse financeiro não apenas reflete dificuldades objetivas, como endividamento ou baixa renda, mas também está associado à forma como o indivíduo percebe sua capacidade de lidar com essas dificuldades. Uma pesquisa da PriceWaterhouseCoopers (2023) concluiu que o estresse financeiro afeta uma ampla gama de áreas de saúde e bem-estar dos funcionários, desde saúde mental até sono e autoestima. A ansiedade e o estresse representam um resultado frequente da má administração financeira e os estudantes universitários são mais propensos a experimentar este tipo de estresse pela primeira vez (Gilligan, 2012).

Portanto, o modelo de Gilligan (2012) contribui significativamente para a compreensão do comportamento financeiro pessoal ao incorporar aspectos cognitivos, emocionais e comportamentais. Essa abordagem integrativa permite identificar fatores de risco e proteção que vão além do simples domínio de conceitos técnicos, ressaltando a importância de uma educação financeira mais ampla e contextualizada.

2.2 ESTUDOS E INICIATIVAS SOBRE FINANÇAS PESSOAIS

Diversos estudos têm investigado a forma como os indivíduos lidam com suas finanças pessoais, mostrando aspectos relevantes relacionados ao controle financeiro, endividamento, educação financeira e tomada de decisão. Sostisso (2016), ao investigar estudantes de Administração da Universidade do Extremo Sul Catarinense, identificou que muitos estão endividados por falta de planejamento e controle de gastos, destacando que o uso de planilhas eletrônicas auxilia na redução dessas dívidas.

Kestering (2020) examinou o comportamento de controle financeiro entre acadêmicos de Ciências Contábeis, revelando que 98% reconhecem a importância de controlar os gastos, embora apenas 53% efetivamente o façam com planejamento mensal. Ferreira (2020), ao estudar servidores públicos da Universidade Federal da Paraíba, concluiu que há uma boa saúde financeira entre os participantes, com poucos apresentando dívidas em atraso. Silva (2020) abordou o perfil de investimento de estudantes universitários, revelando que, em geral, os alunos demonstram preocupação com o retorno financeiro e com o tempo de aplicação, o que evidencia um comportamento mais consciente em relação aos investimentos.

Silva (2021) destacou que a principal fonte de conhecimento financeiro dos estudantes da provém da experiência pessoal, embora o aprendizado adquirido ao longo do curso também contribua para decisões mais seguras. Cattani et al., (2021) também realizaram uma pesquisa com estudantes universitários, buscando identificar o comportamento financeiro em relação ao endividamento e ao planejamento das finanças pessoais e concluíram que eles apresentam um perfil conservador e utilizam técnicas tradicionais para o controle dos gastos mensais e tomam decisões sobre seus gastos baseadas nas experiências profissionais e pessoais, gerindo os recursos com base nas necessidades cotidianas.

Complementando essas evidências, Marques Filho et al., (2021) investigaram se acadêmicos do curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual do Piauí, aplicam técnicas contábeis em seu planejamento financeiro. O estudo mostrou que os estudantes demonstram um bom nível de conhecimento sobre finanças pessoais e reconhecem a importância da educação financeira. A maioria afirma planejar seus gastos, embora a maioria não utilize formalmente técnicas contábeis para esse fim. Ainda assim, os conhecimentos adquiridos na graduação são considerados fundamentais para alcançar uma vida financeira equilibrada. Leal, Santos e Costa (2021) ao identificaram se aspectos sociais, demográficos e econômicos estão associados com o nível de educação financeira dos discentes de graduação e pós-graduação de Instituições de Ensino Superior públicas brasileiras, concluíram que os

discentes possuem um nível relativamente alto de educação financeira, sendo o nível de educação financeira real superior à percepção deles sobre esse item, indicando que eles subestimam o conhecimento que possuem sobre o tema.

Lizote, Nascimento e Verdinelli (2022) examinaram as associações entre conhecimento sobre finanças pessoais e características de estudantes de Ciências Contábeis de um colégio comunitário no estado de Santa Catarina, cujo perfil profissional vincula o uso adequado de recursos econômicos e financeiros. Os resultados mostraram que o maior conhecimento sobre educação financeira está associado a estudantes que trabalham em comparação com aqueles que só estudam. A renda pessoal é a característica que mais influencia os resultados e estudantes que têm rendimentos mais altos, gerenciam melhor os empréstimos e o financiamento, repreensão de uma maneira melhor de gerenciar suas dívidas e ativos para conseguir mais apropriadamente.

A pesquisa de Camozzato et al., (2023) que teve como objetivo avaliar o relacionamento entre a intenção empreendedora de estudantes universitários do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina com sua educação financeira, mostrou que não foi confirmada a relação entre os constructos para a amostra completa, mas quando desagregada por estado se constatou que a educação financeira influencia positivamente a intenção empreendedora nos alunos do Paraná.

Santos e Altoé (2023), ao analisarem a capacidade de planejamento e gestão das finanças pessoais dos alunos de Ciências Contábeis da Universidade Estadual do Centro-Oeste, constataram que ter filhos reflete de forma significativa na preferência ao crédito, com relação ao gerenciamento de receitas e despesas e visão de curto prazo, verificou-se que os lares que possuem mais pessoas apresentam uma relação significativa, e os grupos familiares em que a renda varia de R\$ 3.001,00 a R\$ 5.200,00 possuem uma relação significativa na visão de curto prazo. Romão e Amboni (2024) discutiram a evolução da educação financeira global e nacional, destacando a importância de ensinar finanças nas escolas para promover o bem-estar financeiro e o consumo consciente. Eles ressaltam que a introdução desse tema no ambiente escolar é fundamental para formar indivíduos financeiramente responsáveis e capazes de influenciar positivamente suas famílias e comunidades.

Algumas iniciativas no Brasil têm abordado a educação financeira pessoal, enfatizando sua relevância na formação de cidadãos conscientes e preparados para decisões financeiras. Em 2024, foi proposto o Projeto de Lei nº 5.950, visando incluir a educação financeira como tema transversal nos currículos da educação básica. O objetivo é proporcionar aos estudantes uma base sólida de conhecimentos financeiros desde cedo, abordando conceitos como poupança, planejamento e gestão eficiente do dinheiro (Senado Federal, 2024).

Em 2025, a 12ª Semana Nacional de Educação Financeira foi realizada de 12 a 18 de maio, com o tema “Educação Financeira para Crianças e Jovens: Preparando a Sociedade para Escolhas Conscientes”. Organizada pelo Fórum Brasileiro de Educação Financeira a iniciativa buscou sensibilizar crianças, adolescentes e jovens sobre a importância de hábitos financeiros saudáveis para o futuro, promovendo atividades que disseminem conhecimentos básicos de finanças desde a infância e capacitem educadores para tratar do assunto (Comissão de Valores Mobiliários, 2025).

Esses estudos e iniciativas refletem um movimento crescente no Brasil para integrar a educação financeira no cotidiano dos cidadãos, reconhecendo sua importância na formação de indivíduos mais preparados para gerir suas finanças pessoais e contribuir para uma sociedade economicamente mais equilibrada.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa se caracterizou como um estudo quantitativo, do tipo *survey*, com o objetivo de identificar o comportamento financeiro pessoal dos estudantes do curso de Ciências Contábeis de uma universidade comunitária de Santa Catarina, à luz do modelo de Gilligan (2012). Segundo Gil (2019), pesquisas *survey* são apropriadas para a coleta de dados em larga escala, permitindo a análise de características, comportamentos e opiniões de uma população específica por meio de questionários padronizados.

A população do estudo foi composta por 262 alunos regularmente matriculados no curso de Ciências Contábeis de uma universidade comunitária localizada no sul do estado de Santa Catarina. A amostra final contou com 188 respondentes, representando aproximadamente 72% da população-alvo. A coleta de dados ocorreu no mês de maio de 2024, sendo realizada de forma presencial pelas alunas pesquisadoras, diretamente em sala de aula, o que, conforme Malhotra (2012), pode contribuir para o aumento da taxa de resposta e controle da qualidade dos dados.

Antes da aplicação definitiva do questionário, foi realizado um pré-teste com cinco alunos, com o objetivo de verificar a clareza, compreensão e adequação dos itens, conforme recomendam Hair et al., (2009). Para levantar os dados sobre o comportamento financeiro pessoal, a estrutura do instrumento foi baseada no modelo proposto por Gilligan (2012), que compreende quatro dimensões: capital social, autoeficácia percebida, consideração das consequências futuras e estresse financeiro. No entanto, destaca-se que, para os fins desta pesquisa, a dimensão de capital social não foi investigada.

As análises dos dados foram realizadas por meio de estatísticas descritivas, com base nas médias das respostas para cada item e dimensão investigada, conforme recomendação de Mattar (2005), sendo essa abordagem adequada para resumir e descrever o comportamento geral dos respondentes em relação às variáveis estudadas.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A seguir, são apresentados os resultados da pesquisa, iniciando pela identificação do perfil dos estudantes participantes e, posteriormente, analisando seus comportamentos financeiros com base nas dimensões investigadas.

4.1 PERFIL DOS RESPONDENTES

A amostra do estudo foi composta por 188 estudantes regularmente matriculados no curso de Ciências Contábeis de uma universidade comunitária do sul de Santa Catarina. Com relação ao gênero, a maioria dos participantes se identifica como do sexo masculino, representando 57% da amostra. Quanto à faixa etária, observou-se uma predominância de jovens adultos: 71% dos respondentes têm entre 20 e 26 anos de idade, o que reflete o perfil típico dos estudantes de graduação.

Em relação ao estado civil, a maioria dos participantes (72%) declarou-se solteira, o que também é consistente com a faixa etária predominante. Além disso, 83% dos respondentes afirmaram residir com os pais, evidenciando uma forte dependência familiar, comum em contextos de formação acadêmica inicial. No que se refere à renda familiar mensal, 71% dos estudantes informaram receber até dois salários-mínimos.

4.2 DIMENSÕES DO COMPORTAMENTO FINANCEIRO PESSOAL

O comportamento financeiro pessoal, conforme já evidenciado na metodologia, foi investigado em três dimensões. A primeira dimensão analisada foi a autoeficácia percebida, que atua como mediadora entre experiências de socialização financeira e o bem-estar financeiro. Os resultados estão na Tabela 1.

Tabela 1: Autoeficácia percebida

Autoeficácia percebida	Média	Desv. Pad.	Assimetria	Curtose
AEP1 – Sempre consigo dar um jeito de resolver problemas financeiros difíceis, se eu fizer o esforço necessário.	5,20	1,621	-0,600	-0,560
AEP2 – É fácil para mim persistir em meus objetivos e realizá-los, independente da minha situação financeira.	4,37	1,430	-0,163	-0,307
AEP3 – Tenho confiança de que, se necessário, eu poderia lidar de forma satisfatória com eventos financeiros inesperados.	4,38	1,460	-0,242	-0,497
AEP4 – Graças a minha desenvoltura, sei lidar com situações financeiras imprevistas.	4,55	1,422	-0,306	-0,265
AEP5 – Eu sou capaz de resolver a maioria dos problemas financeiros se fizer o esforço necessário para isso.	5,06	1,443	-0,500	-0,414
AEP6 – Eu consigo ficar calmo quando enfrento dificuldades financeiras, porque posso confiar nas minhas habilidades para lidar com elas.	4,51	1,572	-0,269	-0,498
AEP7 – Quando me confronto com problemas financeiros, em geral, consigo encontrar várias soluções para resolvê-los.	4,46	1,464	-0,106	-0,574
Média geral	4,65			

Fonte: Elaborado pelos autores

Os dados da Tabela 1 evidenciaram uma média geral de 4,65 em uma escala de 7 pontos, indicando uma percepção moderada da autoeficácia financeira entre os respondentes. O item com maior média foi o AEP1 (Sempre consigo dar um jeito de resolver problemas financeiros difíceis, se eu fizer o esforço necessário) com média de 5,20, o que indica uma crença forte na capacidade de solucionar problemas com empenho.

Por outro lado, asseverações como o AEP2, que trata da persistência em objetivos financeiros independentemente das condições externas, obteve a média mais baixa (4,37), indicando maior vulnerabilidade diante de dificuldades econômicas. Esse dado converge com os achados de Constansje et al., (2023), que observaram que jovens da geração Z, mesmo alfabetizados financeiramente, tendem a apresentar baixa autoeficácia frente a pressões contextuais, como dúvidas de consumo imediato.

Este contraste evidencia uma distinção importante entre agir sob pressão e manter objetivos de longo prazo, um ponto já destacado por Bandura (1997), ao sugerir que a autoeficácia pode ser específica ao contexto e à tarefa, sendo menos robusta em situações de incerteza prolongada.

A autoeficácia percebida, conforme evidenciado pelos dados apresentados, se caracteriza como um componente essencial na capacidade dos indivíduos de lidar com adversidades financeiras. A prevalência de respostas positivas sugere que, mesmo diante de desafios econômicos, há uma percepção moderadamente elevada de controle. No entanto, a dispersão nas respostas, bem como a menor média em itens relacionados à persistência, aponta para a necessidade de reforçar competências financeiras comportamentais e emocionais, especialmente no público estudado.

Essa análise reforça o papel mediador da autoeficácia entre socialização e bem-estar financeiro proposto por Gilligan (2012), e recomenda-se, como implicação prática, o desenvolvimento de programas educacionais que fortaleçam a autoconfiança financeira, conforme sugerem Atkinson e Messy (2012) e Brasil (2021) por meio das diretrizes de educação financeira da Estratégia Nacional de Educação Financeira.

A segunda dimensão analisada (Tabela 2) foi a consideração de consequências futuras, que avalia o grau em que os indivíduos incorporam os efeitos de longo prazo de suas ações nas decisões atuais.

Tabela 2: Consideração de consequências futuras

Consideração de consequências futuras	Média	Desv. Pad.	Assimetria	Curtose
CCF1 – Eu planejo como as coisas deveriam ser no futuro e tento influenciá-las com meu comportamento do dia a dia.	4,92	1,609	-0,498	-0,493
CCF2 – Frequentemente, eu me dedico a um comportamento em particular, com a intenção de conseguir resultados que podem acontecer apenas daqui a vários anos.	4,53	1,498	-0,309	-0,433
CCF3 – Eu apenas me dedico a resolver minhas preocupações imediatas, imaginando que o futuro tomará conta de si mesmo.	3,05	1,635	0,488	-0,595
CCF4 – Eu me comporto levando em conta apenas os resultados imediatos das minhas ações (dias ou semanas).	2,92	1,550	0,491	-0,580
CCF5 – Minha conveniência é um fator considerável tanto nas minhas decisões como nas minhas ações.	4,33	1,400	-0,016	0,029
CCF6 – Estou disposta a sacrificar minha felicidade ou bem-estar imediatos para alcançar determinados resultados futuros.	3,99	1,836	-0,074	-1,035
CCF7 – Acredito que alertas sobre potenciais resultados negativos devem ser levados a sério, mesmo se esse potencial resultado negativo possa ocorrer apenas daqui muitos anos.	4,96	1,590	-0,424	-0,574
CCF8 – Geralmente eu ignoro os alertas sobre possíveis problemas futuros, porque acredito que os problemas se resolverão antes que possam se tornar motivos de estresse excessivo.	2,75	1,542	0,699	-0,289
CCF9 – Acredito que é desnecessário sacrificar-se agora, uma vez que se pode lidar com resultados futuros num momento posterior.	3,04	1,661	0,383	-0,804
CCF10 – Eu apenas tomo ação para satisfazer minhas preocupações imediatas, imaginando que tomarei conta de problemas futuros em datas posteriores.	2,98	1,519	0,492	-0,439
Média geral	3,75			

Fonte: Elaborado pelos autores

Ao analisar os resultados da Tabela 2 se observa que a média geral da dimensão foi de 3,75 em uma escala de 1 a 7, indicando uma tendência moderada de consideração futura entre os participantes. Esse achado sugere um perfil mais voltado ao presente financeiro, o que tem implicações significativas para políticas de educação financeira e autocontrole.

As asseverações com maiores médias, CCF1 (4,92) e CCF7 (4,96) evidenciam que os estudantes valorizam o planejamento de longo prazo e estão atentos às possíveis consequências negativas futuras, ainda que estas se manifestem após muitos anos. Estes resultados indicam uma postura para o futuro e uma capacidade de antecipação de riscos. Por outro lado, CCF3, CCF4, CCF8, CCF9 e CCF10, todas com médias inferiores a 3,10, mostram uma presença significativa de comportamentos centrados no presente e uma certa negligência quanto ao impacto das ações atuais no bem-estar futuro. A alta assimetria positiva (ex. CCF8 = 0,699) indica que a maioria dos respondentes tende a discordar das afirmações que refletem imediatismo, o que é um ponto favorável, mas a média ainda sugere uma parcela relevante da amostra que atua reativamente, sem planejamento estruturado.

A análise da CCF revela um cenário ambivalente: os participantes reconhecem teoricamente a importância do planejamento e dos alertas futuros, mas ainda demonstram tendência significativa ao comportamento imediatista. Essa dualidade entre futuro e presente é explorada por Constansje et al., (2023), que demonstraram que mesmo entre jovens financeiramente alfabetizados, fatores como estresse, pressão social e impulsividade podem enfraquecer a consideração de consequências futuras, gerando comportamentos financeiros de risco, especialmente no consumo digital e uso de crédito.

A última dimensão investigada, conforme se exibe na Tabela 3, foi o estresse financeiro, que é compreendido como uma forma específica de sofrimento psicológico associada à dificuldade de lidar com obrigações financeiras, como dívidas, falta de renda ou incapacidade de poupança.

Tabela 3: Estresse financeiro

Estresse financeiro	Média	Desv. Pad.	Assimetria	Curtose
EF1 – Tenho dificuldades para manter meus pagamentos em dia..	3,40	2,036	0,321	-1,107
EF2 – Não tenho reservas financeiras suficientes para lidar com emergências..	3,79	2,012	0,037	-1,165
EF3 – Vivo contando os dias para receber meu salário.	3,86	1,891	-0,032	-1,009
EF4 – O dinheiro que recebo mal cobre minhas despesas mensais..	3,36	1,901	0,310	-1,015
EF5 – Saber que ganho menos do que amigos ou familiares me gera desconforto.	3,39	1,930	0,290	-0,998
EF6 – Sinto-me constantemente preocupado(a) com o valor das minhas dívidas.	3,92	1,917	-0,002	-1,023
EF7 – Tenho dívidas ou empréstimos com taxas de juros elevadas.	2,76	1,974	0,751	-0,690
EF8 – Gastos com festas, presentes ou datas comemorativas afetam negativamente meu orçamento.	3,46	1,827	0,224	-0,871
EF9 – Frequentemente preciso pedir dinheiro emprestado a familiares ou amigos.	3,23	2,021	0,423	-1,064
EF10 – O pagamento de impostos representa uma preocupação no meu planejamento financeiro.	3,31	2,011	0,335	-1,096
Média geral	3,45			

Fonte: Elaborado pelos autores

Os resultados apresentados na Tabela 3 mostraram que a média geral dos itens foi de 3,45, em uma escala de 7 pontos, o que indica um grau moderado de estresse financeiro entre os estudantes de Ciências Contábeis. Embora não alarmante, isso aponta para uma pressão financeira, que pode comprometer a saúde mental, o desempenho acadêmico e a capacidade de planejamento futuro desses indivíduos.

A asseveração “Sinto-me constantemente preocupado(a) com o valor das minhas dívidas”, obteve a maior média (3,92), indicando que a preocupação subjetiva com dívidas é mais marcante do que a dívida objetiva em si, o que está alinhado com autores como Lusardi e Tufano (2009), que mostram que o estresse financeiro percebido pode ser mais debilitante do que o próprio valor da dívida. EF3 (Vivo contando os dias para receber meu salário, média: 3,86) e EF2 (Não tenho reservas para emergências, média: 3,79) também figuram entre as maiores médias, mostrando vulnerabilidade orçamentária e falta de resiliência financeira, aspectos fundamentais no conceito de fragilidade financeira, conforme discutido por Hasler e Lusardi (2019).

A menor média desta dimensão (2,76) foi referente a “Tenho dívidas ou empréstimos com taxas de juros elevadas” sugerindo que, embora muitos estudantes se preocupem com dívidas, nem todos estão expostos a dívidas de alto custo, como empréstimos rotativos ou cartões de crédito, ou talvez não reconheçam as taxas como elevadas.

A Tabela 4 apresenta a média geral das dimensões analisadas.

Tabela 4: Média geral

Dimensão	Média Geral	Interpretação resumida
Autoeficácia percebida	4,65	Grau moderado, indicando que os alunos se sentem relativamente confiantes para lidar com questões financeiras, mesmo diante de imprevistos.
Consideração de consequências futuras	3,75	Grau moderado, sugerindo que os estudantes apresentam certa preocupação com o futuro, mas ainda são influenciados por necessidades imediatas.
Estresse financeiro	3,45	Grau moderado de estresse, apontando para dificuldades financeiras recorrentes, com destaque para preocupações com dívidas e ausência de reservas.

Fonte: Elaborado pelos autores

Os resultados mostraram que os estudantes investigados apresentaram de comportamento financeiro pessoal mediano em todas as dimensões. A maior média foi em autoeficácia percebida, evidenciando que os discentes, em geral, sentem-se capazes de resolver problemas financeiros, inclusive em situações inesperadas. Isso sugere que possuem certo nível de preparo ou experiência que os permite manter o controle, mesmo em contextos de incerteza.

Na sequência, destacou-se consideração de consequências futuras, apontando que os alunos conseguem, em certa medida, considerar os efeitos de longo prazo em suas decisões atuais. No entanto, ainda existe uma tendência a priorizar necessidades imediatas, o que pode comprometer estratégias de poupança, investimentos ou planejamento financeiro sustentado.

Por último, estresse financeiro, no qual, as principais fontes de pressão parecem estar associadas à ausência de reservas emergenciais, dívidas e instabilidade na renda. Embora o nível de estresse não esteja em uma faixa crítica, ele é suficientemente relevante para impactar o bem-estar e as decisões financeiras dos alunos, o que reforça a necessidade de ações integradas para promover o equilíbrio entre confiança, planejamento e redução do estresse nas finanças pessoais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou investigar o comportamento financeiro pessoal de estudantes do curso de Ciências Contábeis, por meio das dimensões de autoeficácia percebida, consideração de consequências futuras e estresse financeiro, com base no modelo proposto por Gilligan (2012). Os resultados indicaram um comportamento mediano em todas as dimensões analisadas, o que sugere um perfil estudantil que, embora relativamente consciente e confiante em suas capacidades financeiras, ainda apresenta dificuldades relevantes no planejamento de longo prazo e enfrenta desafios emocionais relacionados às finanças.

O estudo reafirma a relevância das finanças pessoais no contexto universitário, especialmente entre estudantes que, apesar de estarem em formação na área contábil, ainda vivenciam limitações práticas na aplicação dos conhecimentos financeiros. A universidade, nesse sentido, não deve ser apenas um espaço de formação técnica, mas também de desenvolvimento de competências socioemocionais que contribuam para a autonomia financeira e a tomada de decisões conscientes. Dificuldades como ausência de reservas emergenciais, impulsividade nas compras e preocupação com dívidas, quando não tratadas, podem comprometer o desempenho acadêmico, a saúde mental e as perspectivas de futuro desses jovens.

Conclui-se, portanto, que promover o desenvolvimento da educação financeira pessoal no âmbito universitário é uma ação estratégica, que contribui não apenas para o bem-estar dos estudantes, mas também para a formação de profissionais mais conscientes, preparados e financeiramente responsáveis.

Do ponto de vista teórico, este estudo contribui para ampliar o entendimento sobre a formação do comportamento financeiro entre jovens universitários brasileiros, integrando variáveis psicossociais como autoeficácia e consideração de futuro a indicadores objetivos e subjetivos de estresse financeiro. A articulação entre essas três dimensões reforça a importância de modelos multidimensionais para compreender a complexidade da gestão financeira pessoal, sobretudo em contextos de transição à vida adulta e acadêmica.

Em termos de implicações práticas, os achados sugerem o desenvolvimento de programas de educação financeira mais completos e contínuos no ambiente universitário, que não apenas transmitam conhecimentos técnicos, mas também fortaleçam competências comportamentais e emocionais. Intervenções voltadas ao aumento da autoeficácia, ao estímulo ao pensamento de longo prazo e ao enfrentamento do estresse financeiro podem ser

eficazes para melhorar o bem-estar financeiro dos estudantes e reduzir comportamentos de risco, como endividamento impulsivo e falta de poupança.

Como sugestões para pesquisas futuras, se recomenda realizar estudos longitudinais, a fim de acompanhar a evolução das atitudes e comportamentos financeiros ao longo do tempo, incluindo novas variáveis como impulsividade, influência digital e consumo por *status*.

REFERÊNCIAS

ATKINSON, A. & MESSY, F.-A. Measuring financial literacy: results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE) pilot study. *OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions*, n. 15, 2012. Disponível em: <https://www.oecd.org>. Acesso em: 05 ago. 2024.

BANDURA, A. Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, v. 84, n. 2, 1977, pp. 191-215. 1977.

BANDURA, A. Social foundations of thought and action: a social cognitive theory. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1986.

BOURDIEU, P. Le capital social: notes provisoires. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 31, 1980, pp. 2-3.

BRASIL. Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF). Brasília: Comitê Nacional de Educação Financeira, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/enef>. Acesso em: 05 abr. 2025.

CAMOZZATO, E. S.; LIZOTE, S. A.; TESTON, S. F. & ZAWADZKI, P. Empreendedorismo e sua relação com a educação financeira dos universitários. *Administração: Ensino e Pesquisa*, v. 24, n. 3, 2023, pp. 0-0, 2023.

CATTANI, D. S. D. S.; CAMARGO, B. F.; ZANATTA J. M. & HALBERSTADT, I. A. Análise do comportamento financeiro do jovem universitário frente ao planejamento e endividamento pessoal. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, v. 14, n. 3, 2021, pp. 221-248.

COLEMAN, J. S. Social capital in the creation of human capital. *American Journal of Sociology*, v. 94, supl., 1988, pp. 95-120. 1988.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (CVM). 12ª Semana Nacional de Educação Financeira já tem data definida. Governo Federal, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/cvm/pt-br/assuntos/noticias/2025/12a-semana-nacional-de-educacao-financeira-ja-tem-data-definida>. Acesso em: 05 abr. 2025.

CONSTANSJE, B.; KURNIASARI, F. & ABUBAKAR, A. The effects of financial literacy, self-efficacy, and financial stress on risky credit behavior of Generation Z: Evidence from Pay Later users. *Journal of Entrepreneurship, Business and Economics*, v. 11, n. 1, 2023, pp. 180-210.

FERREIRA, F. V. da. S. Finanças pessoais: um estudo sobre educação financeira dos servidores públicos da UFPB. 2020. Monografia - Curso de Ciências Contábeis, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17369> Acesso em: 22 set. 2024.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7ª Edição. São Paulo: Atlas, 2019.

GILLIGAN, H. L. An examination of the financial literacy of California College Students. Doctoral Dissertation, College of Education California State University, Long Beach, 2012.

HAIR Jr., J. F.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E. & TATHAM R. L. Análise multivariada de dados. 5ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HASLER, A. & LUSARDI, A. Financial fragility among middle-income households: evidence beyond asset building. *Journal of Financial Management, Markets and Institutions*, v. 7, n. 1, 2019.

KESTERING, M. M. Finanças pessoais: um estudo com acadêmicos de ciências contábeis da UNESC. 2020. Monografia - Curso de Ciências Contábeis - Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/8937> Acesso em 25 set. 2024.

LEAL, S. C.; SANTOS, D. V. dos & COSTA, de S. C. Educação Financeira: Perfil de Educação Financeira dos Discentes de Graduação e Pós-Graduação de Instituições de Ensino Superior Brasileiras. In: XVII Congresso

UPS de Iniciação Científica em Contabilidade. Disponível em: <https://congressousp.fipecafi.org/anais/20UspInternational/Artigosd/2743.pdf> Acesso em 08 abr. 2025.

LIZOTE, S. A.; NASCIMENTO, S. & VERDINELLI, M. A. Relacionamento entre finanças pessoais e características dos estudantes de Ciências Contábeis. Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ (online), v. 27, n. 1, 2022, pp. 122-135.

LUSARDI, A. & MITCHELL, O. S. The economic importance of financial literacy: theory and evidence. Journal of Economic Literature, v. 52, n. 1, 2014, pp. 5-44.

LUSARDI, A. & MITCHELL, O. S. The importance of financial literacy: opening a new field. Journal of Economic Perspectives, v. 37, n. 4, 2012, pp. 137-154

LUSARDI, A. & TUFANO, P. Debt literacy, financial experiences, and overindebtedness. Journal of Pension Economics & Finance, v. 14, n. 4, 2009, pp. 332-368.

MALHOTRA, N. K. Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada. 6ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MARQUES FILHO, E. G. et al. A contabilidade no planejamento das finanças pessoais: um estudo de caso com os acadêmicos do curso de Ciências Contábeis da UESPI de Picos. Research, Society and Development, v. 10, n. 7, 2021, pp. 02-06

MATTAR, F. N. Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento. 7ª Edição. São Paulo: Atlas, 2005.

OECD. Recommendation on financial literacy: policy guidance and implementation strategies. OECD Publishing, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/oecl-finlit-2023>. Acesso em 05 abr. 2025.

PORTES, A. Economic sociology: a systematic inquiry. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2010.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M. & KIRCH, G. Determinantes da educação financeira: análise da influência de fatores sociodemográficos. Revista Contabilidade & Finanças, v. 26, n. 69, 2015, pp. 362-377.

PRICEWATERHOUSECOOPERS. Employee financial wellness survey. 2023. Disponível em: <https://www.pwc.com/us/en/services/consuuing/business-transformation/library/employee-financial-wellness-survey.html>. Acesso em: 06 abr. 2025.

REMUND, D. L. Financial literacy explicated: the case for a clearer definition in an increasingly complex economy. Journal of Consumer Affairs, v. 44, n. 2, 2010, pp. 276-295.

ROMÃO, L. S. & AMBONI, N. Reflexões da educação financeira pelo mundo e no Brasil. Em Teia – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana, v. 15, n. 1, 2024.

SANTOS, L. V. dos & ALTOÉ, S. M. L. Finanças pessoais: um estudo envolvendo os alunos do curso de Ciências Contábeis. Redeca, v. 10, 2023, e63504.

SENADO FEDERAL. Projeto inclui educação financeira no ensino básico das escolas. Agência Senado, 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/01/15/projeto-inclui-educacao-financeira-no-ensino-basico-das-escolas>. Acesso em: 05 abr. 2025.

SILVA, J. L. da. Finanças pessoais: um estudo sobre investimentos dos estudantes do curso de Ciências Contábeis de uma universidade da região metropolitana de Porto Alegre/RS. 2020. Monografia - Curso de Ciências Contábeis - Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/11124> Acesso em: 05 jul. 2024.

SILVA, T. A. da. Finanças pessoais: uma análise da gestão das finanças pessoais dos alunos de administração da UFPB. 2021. Monografia - Curso de Administração - Universidade Federal da Paraíba / UFPB. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20946> Acesso em: 06 jul. 2024.

SILVA, T. P. da.; DAL MAGRO, C. B.; GORLA, M. C. & NAKAMURA, W. T. Financial education level of high school students and its economic reflections. Revista de Administração, v. 52, n. 3, 2017, pp. 285-303.

SOMAVILLA, A. S.; ANDRETTI, E. C. & BASSOI, T. S. A matemática financeira e educação financeira: impactos na formação inicial do professor. Tangram – Revista de Educação Matemática, v. 2, n. 1, 2019, pp. 102-121.

SOSTISSO, M. B. Finanças pessoais: um estudo de caso dos estudantes do curso de Administração da UNESC. 2016. Monografia - Curso de Administração - Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/4110>. Acesso em: 05 abr. 2025.



SOUZA, M. A. B. de & et al. Um estudo a respeito da educação financeira dos acadêmicos dos cursos de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas. Revista Interface, v. 16, n. 2, 2019, pp. 52-70.

STRATHMAN, A.; GLEICHER, F.; BONINGER, D. S. & EDWARS, S. The consideration of future consequences: weighing immediate and distant outcomes of behavior. Journal of Personality and Social Psychology, v. 66, n. 4, 1994, pp. 742-752.

TEIXEIRA, K. A.; LOPES, I. F. & MEURER, A. M. Autoeficácia financeira e tomada de decisão: evidências em estudantes de graduação. In: Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade, 18., 2021. Anais [...]. Disponível em: <https://congressousp.fipecafi.org/anais/21UspInternational/ArtigosDownload/3240.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2025.

URBAN, C.; SCHMEISER, M.; COLLINS, J. M. & BROWN, A. The effects of high school personal finance education policies on financial behavior. Economics of Education Review, v. 78, 2020.